



REDE  
TEMPO  
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

**As mulheres de Canudos e os horizontes de silêncio: um olhar sobre o feminino em *Os Sertões* de Euclides da Cunha**

Janaína de Oliveira Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente ensaio, busca acrescer o debate no que concerne a problematização das nuances do feminino na obra *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Doravante, vislumbrando entender como esse clássico historiográfico e literário permeia na construção dos relatos sobre as mulheres canudenses: silenciamentos, ausências e arquétipos de misoginia que perpassam a temporalidade e personalidade do autor. Para a construção da argumentação, além da obra supracitada, o texto conta com indagações iniciadas em trabalhos como *As mulheres de "Os Sertões"* (1959) de José Calasans, *Presença das mulheres em Canudos* (2002) de Luzilá Gonçalves Ferreira e *Mulher presente: existência e resistência em Os Sertões de Euclides da Cunha* (2018) de Anélia Montechiari Pietranide, bem como, demais bases teóricas e discussões que englobam debates de Gênero, Literatura, História e o Sertão.

**Palavras-chave:** Mulheres; Os Sertões; Euclides da Cunha; Canudos.

**The women of Canudos and the horizons of silence: a look at the feminine in *Backlands: The Canudos Campaign* by Euclides da Cunha**

**Abstract:** The present essay seeks to add to the debate regarding the problematization of the nuances of the feminine in the work *Os Sertões* (1902), by Euclides da Cunha. From now on, I intend to understand how this historiographical and literary classic permeates the construction of the accounts of Canudenses women: silencing, absences and archetypes of misogyny that permeate the temporality and personality of the author. For the construction of the argumentation, in addition to the above-mentioned work, the text has questions initiated in works such as *The women of "Os Sertões"* (1959) by José Calasans, *Presença das mulheres em Canudos* (2002) by Luzilá Gonçalves Ferreira and *Mulher presente: existência e resistência em Os Sertões de Euclides da Cunha* (2018) by Anélia Montechiari Pietranide, as well as, other theoretical bases and discussions that encompass debates on Gender, Literature, History and the Sertão.

**Key-words:** Women; Backlands: The Canudos Campaign; Euclides da Cunha; Canudos.

SOUZA, J. O.

## Introdução

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909), engenheiro militar<sup>II</sup>, bacharel em matemática e ciências físicas e naturais, jornalista, por alguns considerado sociólogo e até mesmo historiador, ganha destaque enquanto intelectual brasileiro a partir da publicação de *Os Sertões*, um relato histórico-ficcional sobre o Arraial de Canudos e o massacre advindo da conflagração travada com a República Brasileira, que entre os anos de 1896 e 1897 resultou na morte de aproximadamente 25 mil pessoas, além da destruição completa do arraial. Publicado em 1902, *Os Sertões*, se configura como um dos clássicos bases para prescrutar a História do Brasil.

A obra, a partir das continuas e renovadas interpretações e críticas, suscita novas questões e possibilidades interpretativas para disciplinas como História, Literatura, Antropologia, Política, Geografia e dentre outras, onde se cruzam questionamentos sobre o espaço geográfico do sertão, o clima, a fauna, flora, as raças e culturas a quais ele engloba, aspectos de brasilidade imersos no sertão baiano, discussões sobre sertão e nação, assim como, a relação desses elementos com a própria temporalidade e personalidade do autor, as quais no livro, figuram-se enquanto "dimensões interpretativas e imaginativas", mesclando elementos da ficção e realidade<sup>III</sup>.

O historiador Ricardo de Oliveira (2002), se aproximando de discussões iniciadas por Berthold Zilly (1997)<sup>IV</sup>, pensa a escritura de Euclides como um estudo que dimensiona a pauta sertaneja de forma literária, científica, política e histórica para pensar aspectos étnicos e civilizatórios do Brasil. Ademais, para o autor, essas possibilidades interpretativas devem levar em consideração as tensões e narrativas ambíguas, uma vez que, *Os Sertões* também se marca por uma trajetória de contradições e dilemas, envolvendo a personalidade conturbada do escritor, sua visão cientificista e uma psique por si só conflituosa.<sup>V</sup>

De forma a compreender a ambiguidade narrativa, faz-se necessário entender que Euclides é fruto do seu tempo e das suas ideologias, mesmo que em momentos essas soem contraditórias. Esse jornalista, vinculado ao jornal *O Estado de São Paulo*, chega ao sertão baiano em 1897 para cobrir o conflito em Canudos imerso em ideologias cientificistas. Estas, mesclando teses evolucionistas, ideários positivistas, determinismo biológico e demais aspectos que levaram para o olhar euclidiano uma interpretação do sertão e dos sertanejos mergulhada em preconceitos e estereótipos que transcendem o regionalismo e incorporam discursos etnocêntricos e eurocêntricos. Porém, apesar da estruturação e argumentação cientificista e pejorativa, à época, Euclides conseguir transpor barreiras e levar o sertão e suas lutas, carências e pressupostos para uma espacialidade nacional, mesmos essas nuances apresentando visões parciais e subjetivas do momento histórico e dos personagens narrados.

A obra de Euclides, aloca a sua importância para entender a comunidade e a guerra por seu detalhamento do espaço, do povo e da conflagração, nas partes: *A terra, O homem, e A luta*. Sendo a terra e a guerra permeada pelo Homem, que na obra, embora com o objetivo de denotar coletividade para humanidade, tal termo, pode ser entendido a partir de uma interpretação crítica como o homem enquanto gênero masculino predominante, já que, a partir da visão euclidiana sobre o sertão baiano e o arraial de Canudos o pensar o feminino é atravessado pelo silêncio, pelo ignoto. Silenciamentos esses, que se apresentam na obra por personagens femininas sem narrativa – assim como o sertanejo como um todo. Porém, se tratando das mulheres, elas pouco aparecem, e quando aparecem, são construídas sem nome, sem voz, sem história. As mulheres em Euclides, além de poucos exploradas, são expostas de forma caricaturadas, pejorativas e estereotipadas, envoltas nos ideais eugenistas e patriarcais das bases ideológicas do autor e da sua própria época.

A historiadora Michelle Perrot, em seu livro *As mulheres ou os silêncios da história* (2005), discute que a presença de uma fala feminina em locais que lhes eram negados, considerando que mesmo com pequenos espaços conquistados, algumas zonas mudas continuam a perpetuar horizontes de silêncios. Visto que, "o silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas

SOUZA, J. O.

religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento”<sup>VI</sup>, e uma simples reflexão acerca de quem controla esses espaços, nos permite entender que o processo de vivências e escritas femininas é permeado por uma dominação masculina<sup>VII</sup> que reverbera o passado e assume novas facetas no presente.

“Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se.” Este mesmo silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão gestual ou escriturária<sup>VIII</sup>. Essas normativas elencadas pela autora, tinham (ou têm) o intuito passivar o ser mulher em sociedade, nos âmbitos públicos e privados, modelando as atuações que essas devem exercer no lar, construindo espaços e normas no seu cotidiano, e reverberando também a construção parcial do potencial dessas mulheres enquanto sujeitos históricos ativos, já que, havendo esse controle de poder, tão pouco dos feitos dessas mulheres se inserem nos documentos oficiais. Ademais, essas injunções não condizem com uma passividade feminina diante as adversidades, e sim, nos remete a administração do poder exercida pelos “grandes homens” que controlam esses espaços e produzem a História.<sup>IX</sup> De tal modo, “as mulheres não são nem passivas, nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por mais reais que sejam, não bastam para contar a sua história”<sup>X</sup>.

Desta maneira, a ausência narrativa das mulheres em Euclides é reflexo da produção de conhecimento que não incorporou as mulheres enquanto sujeitos históricos ativos. De tal modo, entender e problematizar essas ausências narrativas na obra euclidiana não é algo novo, em 1911, Afrânio Peixoto<sup>XI</sup>, ao adentrar na Academia Brasileira de Letras declara em um de seus escritos que as mulheres não apareciam nos livros de Euclides da Cunha. Tal questionamento, foi ponto de partida para estudos e debates envolvendo Euclides e o feminino, um exemplo desses trabalhos, é o texto *As mulheres de “Os Sertões” (1959)* de José Calasans, no qual, a partir do ensejo de Afrânio Peixoto, Calasans dimensiona a nuance feminina na vida e obra de Euclides. Desse modo, partindo desse ensejo, o presente ensaio ancorado em trechos do livro *Os Sertões* visa problematizar os silenciamentos, as inferiorizações e pouco enfoque dado por Euclides as mulheres em seu relato, tal como, pontuar que embora tão pouco e mal descritas estas personagens também pertenciam a diegese de *Os Sertões*, a qual, Euclides da Cunha tão “detalhadamente” se propôs a escrever.

### O feminino na vida e obra de Euclides da Cunha

José Calasans (1959), em seu texto, afirma que: “as reações de Euclides da Cunha face do belo sexo, têm sido consideradas por alguns dos seus críticos e biógrafos. Uma vida sem amor, vazia de afeição feminina, proclamam todos eles”.<sup>XII</sup> Nesse aspecto, citando Francisco Venâncio Filho, Carlos Chiacchio, Silvio Rabelo, Gilberto Freyre e etc., Calasans constata que esses pensadores alocavam à Euclides na sua intimidade a ausência de amor, de felicidade e de uma boa relação para com o outro sexo. Relações ausentes ou má desenvolvidas essas, não apenas no plano romântico, mas que perpassavam até o seio familiar, já que, Euclides perde a mãe ainda menino, crescendo assim, sem a relação com o feminino até mesmo da figura materna.

Ante ao exposto, demais depoimentos de figuras como Coelho Neto, Alberto Rangel e Firmo Dutra são colhidos para dimensionar a relação de Euclides da Cunha com o feminino na sua personalidade, já que, para alguns, essa relação não era firmada apenas em termos negativos. Embora, seja de ciência de diversos estudiosos a conturbada relação do autor com as mulheres -exemplo claro disso, é o próprio casamento, que imerso em particularidades contrastantes acaba por se marcar pelo adultério da sua esposa, pelos conflitos de Euclides com o amante da mulher e culmina no seu assassinato em 1909 – a ausência destas no que toca a suas obras acaba sendo justificada por alguns pela escolha do autor de narrar o real, e não nuances ficcionais que o dariam liberdade para criar personagens femininas, restando apenas, a possibilidade de interpretar ao seu modo e aos moldes da época as personagens femininas. Nessa premissa, Calasans levanta a seguinte problemática:

SOUZA, J. O.

Os temas versados por Euclides da Cunha não davam ensejo ao surgimento de mulheres. Problemas políticos, assuntos geográficos, questões internacionais, aspectos econômicos, que constituem a grande maioria dos seus escritos, não são, está claro, setores propícios à presença de representação do chamado sexo frágil (CALASANS, 1959, p. 10).

Tal trecho, torna possível problematizar, que uma parcela da problemática alocada ao silenciamento feminino em *Os Sertões* engloba também as trincheiras de produção de conhecimento da época, nesta perspectiva, a historiadora Rachel Soihet (1997) afirma que “a história política foi a trincheira de resistência à inclusão de materiais ou de questões sobre as mulheres e o gênero”<sup>XIII</sup>, visto que, ela acabou por dificultar a inserção e a análise do viés da História das Mulheres e as Relações de Gênero como justificativas e explicações acerca das posições e relações de poder.

Para mais, é importante destacar que embora a ausência de mulheres na obra euclidiana possa ter partes justificadas pelos elementos apontados a cima, como refuta posteriormente Calasans, somos levados a ponderar, que havia a intenção de afastar as mulheres de suas narrativas. Partindo desse pressuposto, alguns desses elementos podem ser observados na sua obra, na qual, a narrativa feminina é alocada a um plano grotesco, penoso e estigmatizado.

### As mulheres e seus silêncios em *Os Sertões*

A pesquisadora Anélia Montechiari Pietrani, no artigo *Mulher presente: existência e resistência em Os Sertões de Euclides da Cunha* (2018) evidencia que:

Muitos talvez digam que o próprio Euclides da Cunha silenciou a respeito das mulheres presentes em Canudos. De fato, nas 500 páginas de *Os sertões*, encontramos apenas 32 ocorrências da palavra “mulheres”, sete de “mulher” e uma de “mulherio” (PIETRANI, 2018, p. 107).

Partindo dessa premissa, a autora busca pensar o lugar dessas mulheres sertanejas na guerra, entendendo que Euclides não se dedicou bem a isso. Bem como, se esforça em pontuar esses elementos para além de uma visão simplista e reducionista, que a mesma aloca a José Calasans. Para Anélia Pietrani, mesmo que os trechos sobre mulheres na obra *Os Sertões* sejam escassos, estes se apresentam qualitativamente usuais para a reflexão.

De forma inicial, o primeiro ensejo vem da carta do padre Manuel da Nóbrega, de 1549, onde ele recomendava ao rei enviar para o Brasil “órfãs, ou mesmo mulheres que fossem erradas, que todas achariam maridos, por ser a terra larga e grossa”.<sup>XIV</sup> Tal citação, reforça o que entendemos hoje como ideais patriarcais dos estereótipos de gênero, nos quais, o papel feminino é simplificado a maternidade e ao matrimônio, não dimensionando assim, os encargos e as tarefas dessas mulheres na sociedade e espaços em que se inseriam. Para mais, o aspecto de “mesmo que fossem erradas” denota de acordo com Pietrani “uma espécie de movimento “cura-mulher”, ou mesmo “cura-índio”, antecipando em cinco séculos o “cura-gay” do nosso século XXI”<sup>XV</sup>, no qual, para se tornarem boas mulheres ou mais aceitas socialmente deviam recorrer ao casamento, pois esse atuaria como limpeza de honra. Ainda por dimensionar o aspecto diminuto atrelado ao papel da mulher no livro e nos acontecimentos deste, a pesquisadora Luzilá Gonçalves Ferreira no artigo *Presença das mulheres em Canudos* (2002) expõe:

As mulheres que surgem aqui e ali, no livro de Euclides, são elementos quase marginais, no interior de uma comunidade constituída, ela própria, de párias. Mais miseráveis que os homens, aos quais são submissas, e que as exploram, são mostradas por Euclides como tipos inertes, o resultado normal, evidente de um processo patriarcal. À primeira vista elas são realmente produto do meio e do momento histórico, e quase inexistentes no livro porque, do

AS MULHERES DE CANUDOS E OS HORIZONTES DE SILÊNCIO: UM OLHAR SOBRE O FEMININO EM *OS SERTÕES* DE EUCLIDES DA CUNHA

SOUZA, J. O.

ponto de vista econômico, são improdutivas porque não participam das decisões sobre o destino da comunidade, porque não amam, em suma (FERREIRA, 2002, p. 368).

De tal modo, a representação da mulher sertaneja é feita arraigada em preconceitos e desarmonias. Seja pela aparência, pelas ações ou simplesmente pela relação destas com o todo. No capítulo *O homem*, traçando uma genealogia e explicações acerca das peculiaridades da vida de Antônio Conselheiro, nos tópicos *Primeiros Reveses* e *Preceitos de Montanista* Euclides da Cunha pontua respectivamente:

Trecho 1: Data daí a sua existência dramática. A mulher foi a sobrecarga adicionada à tremenda tara hereditária, que desequilibraria uma vida iniciada sob os melhores auspícios. A partir de 1858, todos os seus atos denotam uma transformação de caráter. Perde os hábitos sedentários. Incompatibilidades de gênio com a esposa ou, o que é mais verossímil, a péssima índole desta, tornam instável a sua situação (CUNHA, 2017, p. 173).

Trecho 2: A beleza era-lhes a face tentadora de Satã. O Conselheiro extremou-se mesmo no mostrar por ela invencível horror. Nunca mais olhou para uma mulher. Falava de costas mesmo às beatas velhas, feitas para amansarem sátiros (CUNHA, 2017, p. 181).

Nesses trechos, podemos observar a forma como Euclides narra o feminino, denotando na presença e nos atos destas maus auspícios e horrores. Talvez reavivando nas entrelinhas e subjetivamente as suas próprias experiências amorosas, porém, para Anélia Pietrani, nessas poucas páginas do livro já é possível observar que esse “horror” a figura feminina cria no leitor espanto, desconforto e uma atmosfera sombria. Essa caracterização, que mescla aspectos patriarcais, misóginos, místicos e religiosos se ligam também ao discurso de horror a mulher construído nas manifestações artísticas do século XIX, que seja na literatura, no teatro e na poesia atrelavam palavras e significações negativas para detonar mulheres. Pietrani destaca nomes como Dottin-Orsini, Charles Baudelaire, Raphael Bluteau, Olavo Bilac e o próprio Euclides da Cunha, que toma para si “essa dicção decadentista no tratamento dado à mulher”, de tal modo, “as mulheres presentes em os sertões integram essa atmosfera pútrida, monstruosa e sombria, mesmo gótica, pode-se dizer, que acentua o discurso misógino vigente”.<sup>XVI</sup>

Dando continuidade a análise de trechos da obra, no capítulo *A luta*, no tópico *Agrupamentos Bizarros*, Euclides caracteriza as mulheres sertanejas em três grupos: as beatas, as solteiras e as moças donzelas ou moças damas. Vejamos:

Trecho 3: Ali, estavam, gafadas de pecados velhos, serodidamente penitenciados as beatas – êmulas das bruxas das igrejas – revestidas da capona preta lembrando a holandilha fúnebre da Inquisição; as solteiras, termo que nos sertões tem o pior dos significados, desenvoltas e despejadas, soltas na gandaíce sem freios; as moças donzelas ou as moças damas, recatadas e tímidas, e honestas mães de família, nivelando-se pelas mesmas rezas (CUNHA, 2017, p. 206).

Nesse fragmento, podemos observar novamente e com clareza a demonstração da natureza patriarcal do discurso Euclidianiano, bem como, no excerto exposto a seguir, a dimensão sombria, preconceituosa e misógina da sua narrativa: “Faces murchas de velhas – esgrouviados viragos com cuja boca deve ser um pecado mortal a prece -; rostos austeros de matronas simples, fisionomias ingênuas de raparigas crédulas, misturavam-se em conjunto estranho”.<sup>XVII</sup> Esse trabalho de linguagem, desenvolvido por Euclides é pontuado por Alfredo Bosi no capítulo “*Canudos não se rendeu*”, do livro *Literatura e Resistência* (2002), em que, o autor discorre que o uso de termos e expressões são utilizados para potencializar a ideologia pretendida. Para além, de como a partir do uso do que ele chama de *semântica da percepção exacerbada*, Euclides consegue com sua narrativa exprimir efeitos de intensidade sobre o meio, os seres e suas inter-relações. No caso do cerne da problemática aqui elencada, a linguagem narrativa avivada dimensiona o poder do discurso e da

AS MULHERES DE CANUDOS E OS HORIZONTES DE SILÊNCIO: UM OLHAR SOBRE O FEMININO EM *OS SERTÕES* DE EUCLIDES DA CUNHA

SOUZA, J. O.

palavra para desqualificar em grande medida as mulheres, nesse aspecto, podemos observar esses usos e abusos também na seguinte passagem:

Trecho 4: Grenhas maltratadas de crioulas retintas, cabelos corredios e duros, de caboclas; trunfas escandalosas, de africanas; madeixas castanhas e louras de brancas legítimas, embaralhavam-se, sem uma fita, sem um grampo, sem uma flor, o toucado ou a coifa mais pobre” (CUNHA, 2017, p. 207).

Nesse extrato, Euclides transpõe a sua definição de mestiçagem as mulheres. Se o sertanejo, surge de um entrelaçamento complexo de três elementos étnicos: o negro banto, o indo-guarani e o branco<sup>XVIII</sup>, as mulheres não fogem disso, e se performam enquanto sertanejas abarcando os elementos constituintes da raça no viés euclidiano – muito embora, suas definições perpassem uma tábua de valores e anormalidades que as exprimem enquanto *grenhas maltratadas e trunfas escandalosas*.

Esses valores expressos pelo autor também narram nas entrelinhas um sertão nordestino gestado também no patriarcado e altamente estratificado entre homens, mulheres, ricos, pobres, escravos, senhores, brancos e negros, visto que, pensar o sertão nordestino como mais democrático em suas relações sociais e econômicas é basear-se em uma historiografia ultrapassada, como destaca a historiadora Miridan Britto Falci, no artigo *Mulheres do sertão nordestino (2020)*.<sup>XIX</sup> Ainda de acordo com Falci, a variedade de aparência das mulheres sertanejas também devem ser observadas em pluralidades, dado que “encontramos uma grande variedade de aparências: escravas de cor mulata, negra, cabra, crioula [sic] e fula; altas, baixas, tendo braços, mãos e pés compridos ou finos, dentes bons ou não, cabelos raspados ou encarapinhados”<sup>XX</sup>, mulheres essas de “todas as idades, todos os tipos, todas as cores...”<sup>XXI</sup> como exprime também Euclides da Cunha.

Dando continuidade à exposição, no tópico *Prisioneiros*, o autor volta a falar brevemente das mulheres, sendo essas, prisioneiras que carregavam consigo crianças, em grande maioria seus filhos. Tais personagens, foram narradas da seguinte forma: “as mulheres eram, na maioria, repugnantes. Fisionomias ríspidas, de viragos, de olhos zanagas e maus”<sup>XXII</sup>, desse modo, embora as únicas definições acerca das vivências dessas personagens se permeiem nas suas aparências, essas bruxas, beatas, viragos e demais denominações supérfluas e denotações de fragilidade, eram parte ativa e relevante no arraial, essas conselheiristas, sertanejas e nordestinas provinham as lavouras, cuidavam dos animais, organizavam as festividades religiosas e garantiam também o sustento e o funcionamento de Canudos, antes e durante a guerra. De acordo com Luzilá Ferreira:

[...] essas mulheres só aparentemente são frágeis. Se seu canto amedronta os valentes soldados do adversário, também sua ação os destrói. Quando o inimigo penetra nas ruas de Canudos e suas tropas se perdem no emaranhado das vielas, das ruelas, os soldados esfomeados e sedentos à procura de uma cuia de farinha, de uma moringa de água, as mulheres, que haviam se escondido nas penumbras dos cômodos exíguos, atacam-nas (FERREIRA, 2002, p. 372–373).

De tal modo, podemos refletir e ponderar, que mesmo com a ausência de narrativas euclidianas sobre o papel e a importância feminina no arraial e nos cursos da guerra, elas estiveram lá e impulsionaram os percursos da História. Visto que, como debatido pelo historiador Claude Quétel (2009):

As mulheres são as eternas vítimas das guerras. Geradoras e guardiãs da vida, nas guerras elas são mais do que nunca presa dos ímpetos de morte dos homens. As mulheres são também as eternas esquecidas da história das guerras. Metade da humanidade (e até um pouco mais, pelo jogo das expectativas de vida) parece furtar-se ao exame, e a história tem a maior dificuldade em erigir essa multidão em objeto histórico. Nem nação, nem classe social, nem partido político, nem minoria ativa, as mulheres veem sua história dissolvida

SOUZA, J. O.

na história dos homens. Isso é verdade em tempos de paz. E é muito mais verdade em tempos de guerra, nos quais os homens ocupam mais ainda o centro da cena e, por conseguinte, escrevem a história, a história deles (QUÉTEL, 2009, p. 7).

Ademais, são essas personagens também as vítimas das confusões e privações, são elas que enfrentaram com seus pais, filhos ou sozinhas as nuances dos bombardeios, êxodos, separações e ruínas<sup>XXIII</sup>. São elas que sofreram com os abusos, segregações e violências de guerra. Além disso, essas personagens, vendo Canudos sob ameaça, usaram o que tinham a seu alcance na defesa da sua localidade, do seu povo e da sua fé. E embora cercadas se silenciamentos e estereótipos, as mulheres também foram força motriz no sertão frente ao enfrentamento da República, suas expedições e seu massacre.

### Considerações finais

Como foi possível observar, *Os Sertões*, enquanto obra literária e histórica, engendra potencialidades que, nas palavras de Rodrigo Oliveira (2002), o faz atuar como um monumento da cultura literária brasileira capaz de desvelar um Brasil profundo e autêntico. Esse escrito, como qualquer outro material base para o historiador e a construção de argumentações históricas, deve ser observado e pontuado com destreza e atenção. Este material, deve ser estudado observando suas potencialidades e pioneirismos em pensar o sertanejo, o sertão nordestino e as experiências multifacetadas da conflagração ocorrida em Canudos. Porém, assim como se reinventa o curso da História e suas questões, *Os Sertões* de Euclides da Cunha merece as contínuas críticas, reinterpretações e revisões, debatendo exageros, ausências, pressupostos e preconceitos, que sem soar anacrônicos, por conta da época, se fazem necessários serem pontuados pelas suas reverberações com a História do Tempo Presente.

Partindo desse ensejo, se evidência como o ato de transgressão na produção de conhecimento é uma prática necessária, e como pontuado pelo historiador Dilton Maynard (2013) ela “funciona como uma espécie de ferramenta para colocar em movimento algo diferente [...] Por sua vez, escrever história é também transgredir e, ao mesmo modo, reconhecer os limites da memória”.<sup>XXIV</sup> Assim sendo, devemos entender os limites da memória e as particularidades de cada época e acontecimento, porém, podemos usufruir destas para reinventar e reinserir com novas roupagens esses relatos de tempos em tempos, em razão de, “a memória não é somente construção, mas, reconstrução”<sup>XXV</sup>. Nessa proposta de artigo, realizado em formato de ensaio, por exemplo, o entendimento da narrativa em *Os Sertões* acerca da localidade, do povo e da conflagração se amplia, sendo assim, o foco dado a obra nesse ensaio a dimensiona para uma observação do feminino nessas instâncias, mesmo que, para postular brevemente suas ausências e promover uma reflexão sobre as possíveis presenças.

Ausências essas muito mais frequentes do que as presenças, já que, o pensar ou o falar sobre a guerra acaba por excluir muitas das vezes as minorias históricas, principalmente no que toca as mulheres. Desse modo, as escritas sobre as mais diversas guerras da história da humanidade se perfazem com o foco temático dado pelos historiadores(as) e demais pesquisadores(as) a narrativas historiográficas tradicionais, narrando apenas as causas, consequências, nações em disputa, grandes generais e descrição de batalhas. De acordo com Joana Maria Pedro (2005), os historiadores e historiadoras devem ampliar esse leque, pois, “narrar as guerras a partir de uma perspectiva de gênero significa, além de uma inovação na escrita da história, a percepção de identidades sendo constituídas e/ou se dissolvendo; além disso, significa observar a guerra como política de gênero.”<sup>XXVI</sup>

À vista dessa escassez de enfoque no feminino na história, principalmente no que se relaciona com conflitos políticos e bélicos, nossa memória tende a remeter desses eventos uma reconstrução parcial do passado. Alocando esse ponto para pensar as mulheres sertanejas na

SOUZA, J. O.

História, o nordeste brasileiro em grande maioria foi narrado e caricaturado como um espaço de seca, da fome e de masculinidades dominantes e feminilidades submissas<sup>XXVII</sup>, tal fato, pôde ser observado a partir da análise de trechos e do discurso Euclidiano no que toca o feminino no arraial de Canudos. Para mais, para além desses horizontes de silêncios, caricaturas e estereótipos o sertão e as mulheres sertanejas devem ser historicizados como um reduto de pluralidades, diversidades e potências. De acordo com Vânia Vasconcelos e Cláudia Vasconcelos (2018) “as representações acerca do feminino no sertão, figuram em torno das ideias de submissão, da seriedade e da deserotização. Tanto as mulheres são vistas como subordinadas, não exercendo papel de sujeito das suas ações e práticas”<sup>XXVIII</sup>, desse modo, as mulheres sertanejas são vistas como apolíticas, sérias, sem beleza e afeições, e ao aceitarmos essas representações históricas, como pontuam Vânia Vasconcelos e Cláudia Vasconcelos “caímos da armadilha colonialista: a do estereótipo”.<sup>XXIX</sup>

De tal modo, é notório como diversas práticas femininas se perdem nas entrelinhas, na literatura, na história e nas teorias acadêmicas. As mulheres de canudos, nas suas trajetórias antecedentes, na sua religiosidade, nas suas ações cotidianas, nos seus lares, nas suas relações com a comunidade, com a guerra e até mesmo após o conflito, se perfizeram enquanto insubmissas e personagens históricas ativas, muito embora, ausentes em um dos principais documentos e relatos da época: o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Em suma, o que fica é a necessidade de reflexão e o entendimento de que é necessário desbravar esses horizontes de silêncios e prescrutar os detalhes da obra euclidiana, observando a sua narrativa permeada por faltas e excessos, por uma linguagem rebarbativa, rude, sombria, carregada, pelos ângulos facciosos, subversivos, opositivos e pela mimese de representações e imitações que denotam o meio, o povo e a História por ele narrada<sup>XXX</sup>.

Por fim, o presente trabalho almeja, mesmo que sem extensos aprofundamentos, provocar em você, leitor, uma leitura crítica acerca da obra euclidiana. Que a partir disso, entendendo temporalidades e pessoalidades o âmbito do feminino possa continuar gerando questionamentos, incômodos e novas reflexões e argumentações. Como cita Euclides da Cunha: “Canudos não se rendeu.”<sup>XXXI</sup> Sendo assim, forças motrizes no arraial, as mulheres de canudos, essas sertanejas, baianas e nordestinas também não se renderam, e sua história multifacetada merece ser questionada. Em suma, o sertão feminino se aviva e suscita novas questões e novas leituras, à vista que, como diria João Guimarães Rosa, ou melhor, seu personagem Riobaldo: “o sertão está movimentante todo-tempo – salvo que o senhor não vê.”<sup>XXXII</sup>

## Notas

<sup>I</sup> Mestranda em História pela Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS) e bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>II</sup> GALVÃO, Walnice N. “**Euclides e a Escola Militar**”. In: *Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 117.

<sup>III</sup> Reis, José Carlos. **O entrecruzamento entre narrativa histórica e de ficção**. In: *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 71.

<sup>IV</sup> Artigo: “**Sertão e Nacionalidade: Formação Étnica e Civilizatória no Brasil Segundo Euclides da Cunha**” (1997).

<sup>V</sup> Oliveira, Ricardo de. **Euclides da Cunha. Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo**. *Revista Brasileira de História*, Associação Nacional de História, São Paulo, Brasil: vol. 22, núm. 44, 2002, p. 533.

<sup>VI</sup> PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. EDUSC, Bauru – São Paulo, 2005, p. 9.

<sup>VII</sup> Nas palavras de Pierre Bourdieu, em seu livro *A dominação Masculina* (1997): “Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 1997, p. 3). Sendo assim, [...] aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas, tais como a família, a igreja, a escola, e também, em outra ordem, o esporte e o jornalismo

[...] e reinserir na história é, portanto, devolver a ação histórica, a relação entre os sexos que a visão naturalista e essencialista dela arranca (BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 2).

<sup>VIII</sup> PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. EDUSC, Bauru – São Paulo, 2005, p. 10.

<sup>IX</sup> SOUZA, Janaína de Oliveira. **A face feminina da Segunda Guerra Mundial: uma análise das atuações das mulheres no esforço de guerra a partir dos filmes *O leitor* (2008), *As mães do Terceiro Reich* (2012), *A batalha de Sevastopol* (2015) e *As espíãs de Churchill* (2019)**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2022.

<sup>X</sup> IDEM, p. 152.

<sup>XI</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Poeira da Estrada**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1947. p. 37.

<sup>XII</sup> CALASANS, José. **As mulheres de os sertões**. In: CALASANS, José. No tempo de Antonio Conselheiro. Salvador: Livraria Progresso/Universidade da Bahia, 1959, p. 8.

<sup>XIII</sup> SOIHET, Rachel. **História, Mulheres, Gênero: Contribuições para um Debate**. IN: AGUIAR, Neuma (org.) **Gênero e Ciências Humanas – desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 99.

<sup>XIV</sup> CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2017, p. 112.

<sup>XV</sup> PIETRANI, Anélia Montechiari. #Mulherpresente: existência e resistência em *Os Sertões* de Euclides da Cunha. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana**, Feira de Santana, v. 09, n. 1, 2018, p. 108.

<sup>XVI</sup> PIETRANI, Anélia Montechiari. #Mulherpresente: existência e resistência em *Os Sertões* de Euclides da Cunha. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana**, Feira de Santana, v. 09, n. 1, 2018, p. 111.

<sup>XVII</sup> CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2017, p. 206.

<sup>XVIII</sup> IDEM, p. 94.

<sup>XIX</sup> FALCI, Miridan Britto. **Mulheres do sertão nordestino. Passages de Paris**, nº 20, 2020, p. 112.

<sup>XX</sup> IDEM, p. 117.

<sup>XXI</sup> CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2017, p. 207.

<sup>XXII</sup> IDEM, p. 495.

<sup>XXIII</sup> QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra (1939-1945)**. Laurousse do Brasil: São Paulo, 2009, p. 7.

<sup>XXIV</sup> MAYNARD, Dilton. **Histórias em horas extremas: anotações sobre o tempo presente**. Visões do Mundo Contemporâneo – Vol II/ Org. Dilton Cândido Santos Maynard & Andreza Santos Cruz Maynard. São Paulo: LP-Books, 2013, p. 163.

<sup>XXV</sup> FRANK, Robert. **Questões para as fontes do presente**. In: CHAUVEAU, Agnès, Tétarr, Philippe. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 109.

<sup>XXVI</sup> PEDRO, Joana M. **As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila**. *Revista Estudos Feministas*, 13(1):2016, jan-abr. Florianópolis, 2005, p. 83.

<sup>XXVII</sup> VASCONCELOS, Vânia; VASCONCELOS Cláudia. **“Mulher séria” e “cabra macho”: por outras representações de gênero no sertão**. In: RIOS, Pedro Paulo; MENDES, Alane Martins. *Educação, gênero e diversidade sexual: fabricação das diferenças no espaço escolar*. Curitiba: CRV, 2018, p. 149-166.

<sup>XXVIII</sup> VASCONCELOS, Vânia. **Entre a norma e a rebeldia: rastros de feminismos no sertão baiano**. *SÆCULUM - Revista de História* [v. 24, n. 41]. João Pessoa, jul./dez. 2019, ISSN 2317-6725, p. 207.

<sup>XXIX</sup> IDEM, p. 207.

<sup>XXX</sup> BOSI, A. **“Canudos não se rendeu”**. In: *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 209-220.

<sup>XXXI</sup> CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2017, p. 574.

<sup>XXXII</sup> ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021. p. 456.

## Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOSI, A. **“Canudos não se rendeu”**. In: *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 209-220.

---

BRITO, Larissa. **A representação feminina sertaneja em Canudos**. In: Medium, 2018. Disponível em: <<https://blariss.medium.com/a-representa%C3%A7%C3%A3o-feminina-sertaneja-em-canudos-14b87abccb33>>. Acesso em 05 de dezembro de 2023.

CALASANS, José. **As mulheres de Os sertões**. In: CALASANS, José. No tempo de Antonio Conselheiro. Salvador: Livraria Progresso/Universidade da Bahia, 1959, p. 7-23.

\_\_\_\_\_. **As mulheres de Os sertões**. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). *O clarim e a oração: cem anos de Os sertões*. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 189-197.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2017.

FALCI, Miridan Britto. **Mulheres do sertão nordestino**. *Passages de Paris*, nº 20, 2020, 111-125 p.

FRANK, Robert. **Questões para as fontes do presente**. In: CHAUVEAU, Agnès, Tétarr, Philippe. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Presença das mulheres em Canudos. In: FERNANDES, Rinaldo de. **O Clarim e a Oração: Cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 367-377.

GALVÃO, Walnice N. **“Euclides e a Escola Militar”**. In: *Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 117.

MAYNARD, Dilton. **Histórias em horas extremas: anotações sobre o tempo presente**. *Visões do Mundo Contemporâneo – Vol II/ Org. Dilton Cândido Santos Maynard & Andreza Santos Cruz Maynard*. São Paulo: LP-Books, 2013.

Oliveira, Ricardo de. Euclides da Cunha. **Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo**. *Revista Brasileira de História, Associação Nacional de História, São Paulo, Brasil: vol. 22, núm. 44, 2002, pp. 511-537*.

PEIXOTO, Afrânio. **Poeira da Estrada**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1947.

PEDRO, Joana M. **As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila**. *Revista Estudos Feministas*, 13(1):2016, jan-abr. Florianópolis, 2005.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. EDUSC, Bauru – São Paulo, 2005.

PIETRANI, Anélia Montechiari. #Mulherpresente: existência e resistência em *Os Sertões* de Euclides da Cunha. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana**, Feira de Santana, v. 09, n. 1, p. 105-118, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/4543/4630>>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra (1939-1945)**. Laurousse do Brasil: São Paulo, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

---

REIS, José Carlos. **O entrecruzamento entre narrativa histórica e de ficção.** In: O desafio historiográfico. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SOIHET, Rachel. **História, Mulheres, Gênero: Contribuições para um Debate.** IN: AGUIAR, Neuma (org.) Gênero e Ciências Humanas – desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

SOUZA, Janaína de Oliveira. **A face feminina da Segunda Guerra Mundial: uma análise das atuações das mulheres no esforço de guerra a partir dos filmes O leitor (2008), As mães do Terceiro Reich (2012), A batalha de Sevastopol (2015) e As espiãs de Churchill (2019).** Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2022.

VASCONCELOS, Vânia. **Entre a norma e a rebeldia: rastros de feminismos no sertão baiano.** SÆCULUM - Revista de História [v. 24, n. 41]. João Pessoa, p. 204-216, jul./dez. 2019, ISSN 2317-6725.

VASCONCELOS, Vânia; VASCONCELOS Cláudia. **“Mulher séria” e “cabra macho”: por outras representações de gênero no sertão.** In: RIOS, Pedro Paulo; MENDES, Alane Martins. *Educação, gênero e diversidade sexual: fabricação das diferenças no espaço escolar.* Curitiba: CRV, 2018, p. 149-166.